

SIMÕES DE ASSIS





SIMÕES DE ASSIS

Zéh Palito

Eu sei por que o pássaro canta na gaiola
I know why the caged bird sings

31 março a 21 maio 2022
march 31 to may 21 2022

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil

info@simoesdeassis.com
+55 11 3063-3394



A exposição “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola” é a primeira individual do artista visual Zéh Palito (1986, Limeira), em São Paulo, realizada na Simões de Assis. Introduzido à prática artística por meio do graffiti/pixação, teve ainda jovem aulas de pintura, por estímulo de sua mãe, após um acidente andando de skate. Posteriormente, viria a estudar Design Gráfico e Belas Artes, formação essa que lhe deu a oportunidade de viajar o mundo e exibir suas obras em mais de 30 países.

O primeiro verso do poema “Sympathy”, de 1893, publicado por Paul Laurence Dunbar (1872, Dayton - 1906, Dayton) – primeiro poeta afro-americano a ter destaque nos Estados Unidos e Inglaterra –, expressa, em tom sombrio, a situação dos negros na sociedade americana do final do século XIX e faz uma alusão à falta de plenitude. Tal poema inspirou o título da primeira autobiografia da poeta afro-americana Maya Angelou (1928, St. Louis - 2014, Winston-Salem) na qual retrata parte de sua infância difícil vivida em uma cidade sulista nos anos 30 e 40 durante o período da segregação. Por consequência, também inspirou o título desta exposição.

Nas pinturas apresentadas vemos representações de pessoas negras em poses altivas, com roupas elegantes, com logotipos de marcas conhecidas, em locais triviais como praias, piscinas, em frente a automóveis ou mesmo em fundo e de forma bastante positiva, trazendo aos retratados humanidade. Zéh nos confronta com pinturas-exaltação, pessoas plenas, autoconfiantes e resolvidas, imagens positivas, em contraste com as imagens criadas nos últimos séculos, nas quais a população negra majoritariamente era representada em situações que corroboram o trauma da colonização.

Em uma das telas da mostra está representado um casal na praia, tendo o rapaz estampados em sua sunga dois botos-cinzas, símbolo da cidade do Rio de Janeiro. Outros elementos que remetem à capital carioca – local onde ocorreu o maior aporte de pessoas negras escravizadas na história da humanidade –, são o popular biscoito de polvilho Globo e a canga com o desenho da bandeira nacional, mas nas cores verde, rosa e branco. A flâmula é semelhante àquela que apareceu no desfile campeão do carnaval carioca de 2019 da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, cujo o lema positivista francês “ordem e progresso”

foi substituído por “índios, negros e pobres”. Tal samba enredo do carnavalesco Leandro Vieira (1983, Rio de Janeiro) homenageou figuras populares brasileiras importantes, porém ainda não reconhecidas pela narrativa hegemônica como Carolina Maria de Jesus (1914, Sacramento - 1977, São Paulo) e Marielle Franco (1979-2018, Rio de Janeiro).

Em ação semelhante, o artista utilizou-se de nomes ainda pouco citados nos livros de história e na academia como títulos de suas obras. Temos homenageadas Maria Firmina dos Reis (1822, São Luís - 1903, Guimarães) escritora, compositora e abolicionista, considerada a primeira romancista brasileira, representada violentamente por anos como uma mulher branca; e Laudelina dos Santos Mello (1904, Poços de Caldas - 1991, Campinas) pioneira na luta pelo direito dos trabalhadores domésticos no Brasil, militante da Frente Negra Brasileira e participante do Teatro Experimental do Negro (TEN), iniciativa do artista plástico, ativista, escritor, dramaturgo, ator, diretor de teatro, poeta, jornalista e professor universitário Abdias Nascimento (1914, Franca - 2011, Rio de Janeiro). A tela intitulada Leide Maria (1961, Ivaiporã), trabalhadora do lar e artesã, é uma homenagem à mãe do artista, que colaborou em outra pintura intitulada “Nosso Sonho” com a feitura de fuxicos de tecidos encerados coletados por Zéh nas suas viagens pelo continente africano como voluntário de projetos humanitários. Outro familiar homenageado é seu pai, Marcel Francisco (1962, Limeira), soldador automotivo aposentado. Na tela “O vaso de Marcel”, um rapaz em traje estampado com motivos de pássaros, referência aos cut-outs de Matisse, segura um vaso com flores semelhantes a bougainvilles.

Frequentes nas pinturas são as representações de frutas como cocos, melancias, bananas, abacaxis, mamões e plantas como helicônias, palmeiras e flores que remetem à tropicalidade. Elas aparecem junto às figuras humanas, ora adornando, ora como temas de estampas – porém, não menos dedicadas, muitas vezes ocupam posição central na composição. Informação relevante é o fato de o artista manter com seus pais, em paralelo ao ateliê de pintura, um jardim/pomar com plantio de diversas espécies, como por exemplo bananeiras (próximas a um muro rosa), bananas rosas (ornamentais) semelhantes às estampas dos trajes de banho das moças na tela “Ubatuba ou Guarujá”, mangueiras, mamoeiros e bougainvilles.

Tais representações de frutas têm, na história da arte brasileira, um lugar importante, valendo lembrar de um dos primeiros pintores negros a ingressar na Academia Imperial de Belas Artes, o premiado Estevão Roberto da Silva (c.1844-1891, Rio de Janeiro), reconhecido por suas natureza-mortas. Há uma tela, em especial, intitulada "Garoto com Melancia", de 1889 e hoje pertencente ao acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, na qual um jovem negro aparece sorridente, sozinho, desfrutando da fruta diaspórica, originária do continente africano. Ela se relaciona com a pintura "Odin ordene o vento", na qual um rapaz aparece próximo à mesma fruta, degustando um picolé e estampando em sua roupa a rosa-dos-ventos da Estrela (tradicional e elitista fábrica de brinquedos brasileira), além de estar rodeado de brinquedos populares como bolinha de gude, pipa e estilingue.

Ainda na mesma pintura, podemos identificar diferentes tons de preto na pele do rapaz, além da cor ocre que cria efeito de douramento. Os olhos do personagem parecem flutuar em um fundo negro, relacionando-se à prática do afro-americano Kerry James Marshall (1955, Birmingham), que produziu nos anos 80 pinturas tonais pretas ligadas à temática do homem invisível, nas quais, à primeira vista, só são identificados os olhos e dentes. Depois, porém, com uma análise mais atenciosa, era possível observar as variações da cor preta nas definições do corpo. Essa é uma provocação à inviabilização dos sujeitos e da produção cultural negra. Ironicamente, uma dessas telas ficou por mais de 25 anos no banheiro da casa de um colecionador, e agora é uma das obras fundamentais da pintura ocidental.

As obras dessa exposição, apesar de bastante coloridas – evocando alegria –, carregam aspectos políticos pertinentes e também falam de traumas, dores. Talvez, o pássaro enjaulado que canta seja uma metáfora do momento em que estamos, no qual perdura uma pandemia ainda fatal, guerras, governos autoritários alinhados à necropolítica, privação de direitos básicos. E, mesmo assim, seguimos nossas vidas. Ou esse mesmo pássaro de viver restrito já não se lembra, ou até nunca gozou de sua plenitude, alienado.

Ademar Britto Jr



"I know why the caged bird sings" is the first solo show that artist and muralist Zéh Palito (1986, Limeira) holds in São Paulo, at Simões de Assis. He was introduced to the artistic practice through graffiti and tagging, and took painting lessons still at a young age, encouraged by his mother after he suffered an accident on his skateboard. Afterwards, he would come to study Graphic Design and Fine Arts, which gave him the opportunity to travel the world and show his work in over 30 countries.

There is a verse in the 1893 poem "Sympathy", published by Paul Laurence Dunbar (1872, Dayton - 1906, Dayton) – the first African-American writer to become known in the United States and England –, which somberly conveys the situation of black people in the American society by the late 19th century, alluding to their lack of plenitude. This poem inspired the title of African-American poet Maya Angelou's (1928, St. Louis - 2014, Winston-Salem) first biography, in which she narrates her difficult childhood in a southern city during the segregation period of the 1930s and 40s. Consequently, it also inspired the title of this exhibition.

In the show, we can see representations of black people in proud poses, wearing elegant clothes with logos from famous brands, in trivial places like beaches and pools, in front of cars, depicted in a very positive manner that brings humanity to the portraits. Zéh confronts us with exaltation paintings, people feeling complete, self-confident, self-assured, positive images in contrast with the images created throughout the last centuries, in which the black population was overwhelmingly portrayed in situations that corroborated the colonial trauma.

In one of his works, the artist depicts a couple at the beach, with gray dolphins – a symbol of Rio de Janeiro – printed on the man's briefs. Other elements that refer to the iconic city – where the largest landing of black enslaved people in the history of the world took place¹ –, are the Globo² crackers and the large beach towel with the Brazilian flag drawn with alternative colors: green, pink and white. The image is similar to the flag that appeared in the Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira winner's parade in Rio's 2019 Carnival, with the original positivist motto "ordem e progresso" (order and progress) being substituted by "índios, negros e pobres" (native, black and poor people, in a loose translation). The samba theme developed by Leandro Vieira (1983, Rio de Janeiro) honored

important popular Brazilian characters who haven't yet been recognized by hegemonic narratives, such as Carolina Maria de Jesus (1914, Sacramento - 1977, São Paulo) and Marielle Franco (1979-2018, Rio de Janeiro).

In a similar operation, Palito also used names that are rarely mentioned in history books and in the academy as titles for his pieces. He honored Maria Firmina dos Reis (1822, São Luís - 1903, Guimarães), who was a writer, composer and abolitionist, considered the first black Brazilian novelist (for years, she was violently represented as white); as well as Laudelina dos Santos Mello (1904, Poços de Caldas - 1991, Campinas), a pioneer in the fight for the rights of domestic workers in the country, an activist for the Frente Negra Brasileira (Brazilian Black Front) and a member of the Teatro Experimental do Negro (TEN - Experimental Black Theater), an initiative proposed by artist, activist, writer, playwright, actor, theater director, poet, journalist and college professor Abdias Nascimento (1914, Franca - 2011, Rio de Janeiro). The painting titled "Leide Maria" (1961, Ivaiporã), homemaker and craftswoman, is an homage to his mother, who collaborated with another painting titled "Nosso Sonho" (Our Dream) by creating sewn flowery fabrics with waxed textiles Zéh collected during his travels through the African continent while volunteering in humanitarian initiatives. Another family member honored in a work is his father, Marcel Francisco (1962, Limeira), a retired automotive welder. In the piece titled "O vaso de Marcel" (Marcel's Vase), a boy wearing a shirt emblazoned with a bird motif – a reference to Matisse's cut-outs – holds a vase with flowers that look like Bougainvillea.

Fruits like coconuts, watermelons, bananas, pineapples, papayas and plants like heliconias, palm trees and flowers that evoke the tropical weather are recurring in his paintings. They appear next to the human figures, whether as ornaments, or as prints on clothing – however, no less delicate, they often occupy a central place in the compositions. It is relevant to point out that the artist maintains, together with his parents and in parallel to his studio work, an orchard / garden with several different species, like banana trees (in front of a pink wall), pink ornamental bananas that resemble the bathing suit print of one of the women in the "Ubatuba ou Guarujá" (Ubatuba or Guarujá) canvas, as well as mango trees, papaya trees and Bougainvillea.

These representations hold an important place in Brazilian art history. It is worth noting that one of the first black artists to be accepted in the Academia Imperial de Belas Artes (Imperial Academy of Fine Arts), award-winning Estevão Roberto da Silva (c.1844-1891, Rio de Janeiro), was widely recognized for his still-life works. He has one painting in particular, titled "Garoto com Melancia" (Boy with Watermelon) – created in 1889 and now belonging to the collection of the Pinacoteca do Estado de São Paulo –, in which a young black man appears smiling, alone, enjoying the diasporic fruit, endemic from the African continent. It establishes a link with the "Odin ordene o vento" (Odin commands the wind) piece, in which a young man appears next to the same fruit, enjoying a popsicle. His shirt carries the image of the wind rose from the "Estrela" brand (a traditional elitist Brazilian toy factory), as he is surrounded by popular toys like marbles, a kite and a slingshot.

In that same painting, we can identify different shades of black in the young man's skin, in addition to the ochre color that creates a gilding effect. The character's eyes seem to float on a dark background, evoking Kerry James Marshall's practice. In the 1980s, the African-American painter used different black hues associated with the theme of the invisible man. In them, at first glance, one could only identify the eyes and teeth. Then, however, upon closer observation, it was possible to notice the dark color variations defining the characters' bodies. This is a provocation regarding the invalidation of black subjects and cultural production. Ironically, one of these works was kept for more than 25 years in the bathroom of a collector's home, and now is a fundamental reference for western painting.

This exhibition, despite being quite colorful – evoking joy –, puts forth pertinent political aspects and also speaks of trauma, of sorrow. Maybe, the caged bird that sings is a metaphor for the moment we are living in: of a lasting fatal pandemic, of wars, of authoritarian governments aligned with necropolitics, of civil rights violations. And, yet, we move on with our lives. Or this same restricted bird has already forgotten, or has never enjoyed its plenitude, alienated.

Ademar Britto Jr


Notes

¹ The Valongo wharf, built in 1811, was the site of landing and trading enslaved African people for several decades, until the abolition of slavery in 1888.

² Biscoitos Globo is a famous manioc flower cracker commonly sold by street vendors around Rio de Janeiro's beaches.

Compaixão (Sympathy)

por Paul Laurence Dunbar



Eu sei o que o pássaro enjaulado sente, infelizmente!
Quando o sol brilha nas encostas das montanhas;
Quando o vento se agita suavemente através da grama,
E o rio corre como uma corrente de vidro;
Quando o primeiro pássaro canta e o primeiro rebento se abre,
E do cálice lhe rouba o leve perfume –
Eu sei o que o pássaro enjaulado sente!

Eu sei porque o pássaro enjaulado bate a asa
Até que seu sangue manche de vermelho as barras cruéis;
Pois ele deve voar de volta ao seu poleiro e a ele se apegar
Quando seu desejo seria estar balanço de um galho
E uma dor ainda palpita nas velhas, velhas cicatrizes
E ela pulsa novamente com uma picada mais aguda –
Eu sei porque ele bate a asa!

Eu sei porque o pássaro enjaulado canta, ah, eu,
Quando sua asa está machucada e seu peito dolorido,
Quando ele bate nas barras e para ficar livre;
Esta não é uma canção de contentamento ou alegria,
Mas uma oração que ele envia do fundo do coração,
Mas um apelo, que aos céus ele lança –
Eu sei porque o pássaro enjaulado canta!

Sympathy

by Paul Laurence Dunbar

I know what the caged bird feels, alas!
When the sun is bright on the upland slopes;
When the wind stirs soft through the springing grass,
And the river flows like a stream of glass;
When the first bird sings and the first bud opes,
And the faint perfume from its chalice steals -
I know what the caged bird feels!

I know why the caged bird beats his wing
Till its blood is red on the cruel bars;
For he must fly back to his perch and cling
When he fain would be on the bough a-swing;
And a pain still throbs in the old, old scars
And they pulse again with a keener sting—
I know why he beats his wing!

I know why the caged bird sings, ah me,
When his wing is bruised and his bosom sore,—
When he beats his bars and he would be free;
It is not a carol of joy or glee,
But a prayer that he sends from his heart's deep core,
But a plea, that upward to Heaven he flings—
I know why the caged bird sings!





Zéh Palito
Encontrei Mané Viera no caminho de Santa Rita, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 7/32 in



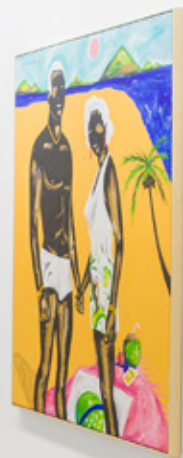
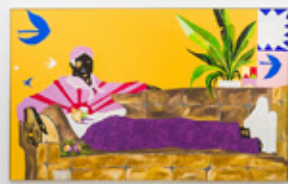
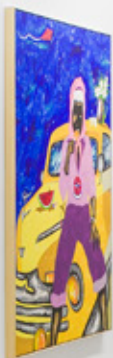
Zéh Palito
O Vaso de Marcel, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 7/32 in





Zéh Palito
Odin Ordene o Vento, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 7/32 in



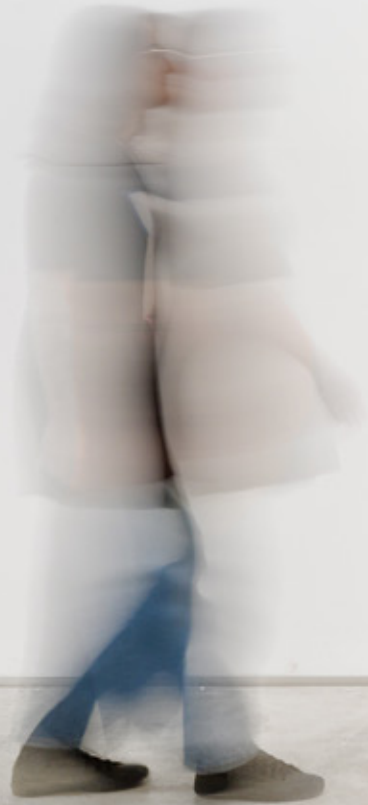




Zéh Palito
Domingo, 2022
acrílica sobre tela
160 x 265 cm
acrylic on canvas
63 x 104 ²/₆₄ in



Zéh Palito
Mês de Fevereiro, 2022
acrílica sobre tela
190 x 160 cm
acrylic on canvas
74 ⁵/₁₆ x 63 in

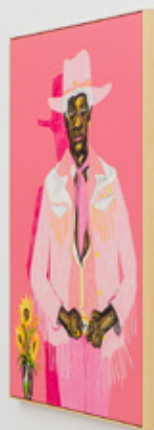
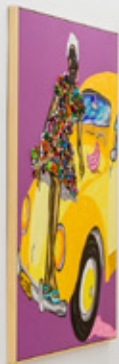
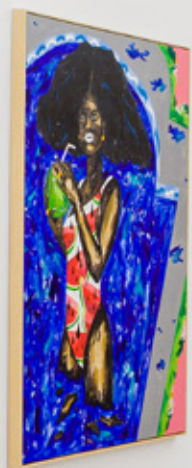






Zéh Palito
Banho de Abô nas Águas de Aruanda, 2022
acrílica sobre tela
190 x 160 cm
acrylic on canvas
74 ⁵/₆₄ x 63 in







Zéh Palito
Nosso Sonho, 2022
acrílica sobre tela
190 x 160 cm
acrylic on canvas
74 ⁵/₁₆ x 63 in





Zéh Palito
Francisca da Rua Seridó, 2022
acrílica sobre tela
163 x 123 cm
acrylic on canvas
64 1¹/₆₄ x 48 2⁷/₆₄ in



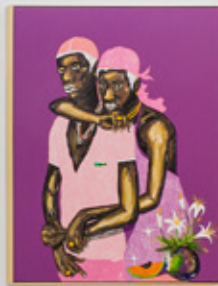
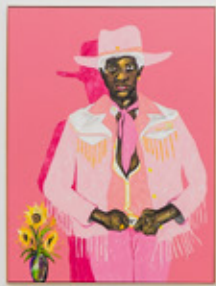






Zéh Palito
Ubatuba ou Guarujá, 2022
acrílica sobre tela
160 x 265 cm
acrylic on canvas
63 x 88 ³/₁₆ in







Zéh Palito
De Parintins ao Maranhão, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 ⁷/₃₂ in



Zéh Palito
De Limeira a Barretos, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 ⁷/₃₂ in







Zéh Palito
Posso Hennessy mas Prefiro Tubaína, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 7/32 in



Zéh Palito
Não Morremos, Multiplicamos, 2022
acrílica sobre tela
160 x 125 cm
acrylic on canvas
63 x 49 ⁷/₃₂ in







Zéh Palito
Leide Maria, 2022
acrílica sobre tela
80 x 75 cm
acrylic on canvas
31 ½ x 29 ½ in



Zéh Palito
Tereza Silva, 2022
acrílica sobre tela
80 x 75 cm
acrylic on canvas
31 ½ x 29 ½ in



Zéh Palito
Antonieta Santos, 2022
acrílica sobre tela
80 x 75 cm
acrylic on canvas
31 ½ x 29 ½ in



Zéh Palito
Laudelina Melo, 2022
acrílica sobre tela
80 x 75 cm
acrylic on canvas
31 ½ x 29 ½ in



Zéh Palito
Carolina Freitas, 2022
acrílica sobre tela
80 x 75 cm
acrylic on canvas
31 ½ x 29 ½ in



Zéh Palito
Maria Firmina, 2022
acrílica sobre tela
80 x 75 cm
acrylic on canvas
31 ½ x 29 ½ in





Zéh Palito (Limeira, SP, 1986) é artista visual e muralista. Graduado em Design Gráfico pela FAAL, também teve formação na EMCEA (Escola Municipal de Cultura e Artes) de Campinas. Ainda muito jovem, aos 15 anos, Zéh Palito começou a se envolver com a pintura de rua, murais e grafite no interior paulista, atividade que fortalece as comunidades locais e tem como pauta questões sociais prementes. Seu interesse por esse viés público da pintura o levou a expandir sua pesquisa a outros países, realizando viagens e temporadas na África e nos Estados Unidos.

Entre estas idas e vindas, sempre com passagens pelo Brasil, o artista adquiriu uma amplitude de referências que expandiram sua formação de estilo e experimentação técnica. A produção como muralista também foi (e continua sendo) marcada pela ação social de apoio a populações geralmente marginalizadas. Na Zâmbia, por exemplo, a produção dos trabalhos era feita com pigmento local, que o fez encontrar tons mais claros ou lavados como rosa e amarelo pastel. Já nos períodos em quem ficou nos Estados Unidos, passou a incorporar referências da música, da cultura pop e da sociedade de consumo, sempre em composições de cores mais saturadas e vibrantes.

Ainda que também experimentasse com pintura de cavalete, foi em 2019 que o artista passou a dividir cada vez mais seu tempo entre as paredes e as telas. Explorou primeiro a técnica do óleo e, posteriormente, adotou a tinta acrílica como meio de preferência, material que atendeu melhor à agilidade e urgência de seus processos de criação. Combinando sua formação acadêmica como designer e as experiências da pintura em murais, ampliou ainda mais seus estudos sobre cor, técnica, composição e a vetorização, recursos que ainda influenciam as suas escolhas na atual linguagem pictórica. Com frequência, o ponto de partida para realização de suas obras é a representação de minorias étnicas e sociais, com destaque para a presença de pessoas negras e indígenas, em ambientes envolvidos por elementos que remontam ao tropicalismo brasileiro, com presença marcante de frutas e matizes fantásticas. Em paralelo, também lança mão de uma iconografia muito midiática, incluindo imagens de sneakers, roupas e marcas, carros e outros objetos.

Zéh Palito já produziu murais em mais de 30 países entre África, América, Europa, Oriente Médio e Ásia. Também integrou diversas exposições coletivas, como: "Black Voices", Ross Sutton Gallery, Nova York; "Cosmic Boys", Brazil Art Center, Beirute; "Brazilarty", Soho Gallery, Londres; "Life in Flowers", Luce Gallery, Turim; e "Vidas Negras do Brasil", Museu Afro Brasil. Dentre as suas individuais, destacam-se: "Tropical Diaspora", Eubie Blake Cultural Center, Baltimore; "Utopia Tropical", Galerie La Cartonnerie, Paris; e "We saw the future", Gallery Idrawalot, Berlim. Seus trabalhos figuram em coleções como Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil, The Xiao Museum of Contemporary Art, Rizhao, China e X Museum, Beijing, China.

Zéh Palito (Limeira, SP, 1986) is a visual artist and muralist. He has a degree in Graphic Design from FAAL. At the age of 15, Zéh Palito became involved with street art, murals and graffiti, producing works in several cities around the São Paulo state countryside – an activity that strengthens local communities and addresses pressing social issues. His interest in this public aspect of painting led him to expand his research to other countries, making trips and spending time in Africa and the United States.

Throughout these comings and goings, always with long stays in Brazil, the artist acquired a range of references that led to the expansion of his style and technical experimentation. His work as a muralist was (and continues to be) marked by social action in support of generally marginalized populations. In Zambia, for example, the murals were made with local pigment, which made him find lighter or washed tones like pink and pastel yellow. During his time in the United States, he began to incorporate references from music, pop culture, and consumer society, always in more saturated and vibrant color compositions.

Although he sometimes experimented with easel painting, it was only in 2019 that Palito began to increasingly divide his time between walls and canvases. He first explored the oil technique and then, later on, adopted acrylic paint as his preferred medium, a material that better met the agility and urgency of his creative processes. Combining his academic training as a designer and the experiences of painting in murals, he further broadened his studies of color, his brushwork technique, his composition and vectorization styles, resources that still influence his choices in his current pictorial language. Often, the starting point for his works is the representation of ethnic and social minorities, with emphasis on the presence of black and indigenous peoples, in environments surrounded by elements that are reminiscent of a Brazilian tropicalism, with a strong presence of fruits and fantastic hues. In parallel, he also makes use of a mass media iconographies, including images of sneakers, clothes and brands, cars, and other objects.

Zéh Palito has produced murals in over 30 countries in Africa, America, Europe, the Middle East, and Asia. He has also participated in several group exhibitions, such as: "Black Voices", Ross Sutton Gallery, New York; "Cosmic Boys", Brazil Art Center, Beirut; "Brazilarty", Soho Gallery, London; "Life in Flowers", Luce Gallery, Turin; and "Vidas Negras do Brasil" (Black Lives from Brazil), Museu Afro Brasil. His solo shows include: "Tropical Diaspora", Eubie Blake Cultural Center, Baltimore; "Tropical Utopia", Galerie La Cartonnerie, Paris; and "We saw the future", Gallery Idrawalot, Berlin. His works are included in collections such as Instituto Inhotim, Brumadinho, Brazil, The Xiao Museum of Contemporary Art, Rizhao, China and X Museum, Beijing, China.



SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232 2315